

MEDIAÇÕES E CULTURAS VISUAIS: REFLEXÕES E REFRAÇÕES

Ronaldo de Oliveira **Corrêa**¹

Apresentação

Esse número da Revista *Illuminuras* reúne artigos vinculados ao tema das Mediações e Culturas Visuais nas sociedades contemporâneas. A descoleção² de textos apresentada teve por orientação as discussões realizadas por autores dos Estudos Culturais Latino Americano, em especial, García-Canclini (2000; 2005) e Martín-Barbero (2004). O tema tem como referência as práticas estéticas em contextos urbanos, entre essas as artes visuais e exposições, o cinema e fotografia, as caricaturas e ilustração, o imaginário popular e intervenções corporais, as performances e cartografias, entre outras. Os textos movem-se nas durações dos eventos propostas pelos(as) autores(as). Buscam na sobreposição das reconstruções e documentações, narrativas e análises, cartografar os itinerários possíveis situados na encruzilhada entre o esclarecimento característico do registro e a ambiguidade da estetização, com o propósito de mobilizar à errância, ao andar, ao aventurar-nos; ação que nos direciona ao descobrir-(nos).

Como primeiro deslocamento, optou-se por tratar como práticas estéticas os artefatos e eventos problematizados nos textos aqui reunidos, e não usar a categoria arte. Isso por entender que a categoria, no âmbito das ciências sociais e humanas, especialmente, a partir da década de 1980, passa por revisão de seu estatuto como meio para entendimento das formas e estratégias materiais e simbólicas desenvolvidas por diferentes coletivos produtores de sentidos e artefatos, sejam esses simbólicos ou materiais³. Essa opção tem por base a orientação de que as sociedades produzem “um estilo de ser que vai acompanhado por um estilo de gostar e, pelo fato de o ser humano se realizar enquanto ser social através de objetos, imagens, palavras e gestos os mesmos se tornam vetores da sua ação e pensamento sobre o mundo” (Lagrou, 2009: 11).

As práticas estéticas, por outro lado, são entendidas como aquelas constituidoras de um mercado simbólico onde são reorganizadas as esferas do público e do privado, os processos simbólicos são desterritorializados, os bens e conteúdos simbólicos são

¹ Universidade Federal do Paraná, Brasil.

² Sobre a conceituação de descoleção ver Garcia Canclini, 2000.

³ Ver sobre isso Lagrou, 2009; Conduru, 2007; Garcia Canclini, 2012; Gell, 2010; Danto, 2006.

descolecionados e as tecnologias comunicacionais convertem-se nas bases para a produção, circulação e consumo de conteúdos e bens culturais (Garcia-Canclini, 2000). Ao caracterizar dessa forma, entende-se que o ideal de obra de arte e de fruição desinteressada não constitui o que se pretende problematizar. Busca-se pela inteireza que conecta as práticas com os sentidos, mediadas pelos artefatos-imagens, artefatos-coisas, artefatos-gestos (Conduru, 2007).

A noção de tecnologia aqui utilizada está vinculada aos modos de percepção e linguagem (re)produzidos em meio aos des-centramentos e deslocamentos das práticas sociais, ou seja, as novas sensibilidades e estratégias de escrita (Martin-Barbero, 2004). Ao problematizar as mediações e culturas visuais a partir de um conceito de tecnologia entendido como processo e construção social, pretende-se explicitar que os artefatos e sistemas técnicos têm política, incorporam em sua configuração, produção e uso, marcas das práticas de controle e interdição, assim como as formas de resistência que demarcam sua apropriação e produto, nesse caso, as imagens técnicas suas agências e agenciamentos⁴. Em síntese, a tecnologia, assim pensada, explicita e materializa um modelo de sociedade (Martin-Barbero, 2004).

Localizam-se esses processos nas cidades, ou melhor, nos contextos urbanos, não como um conjunto ordenado de bairros ou, ainda, como uma estrutura planejada para o ordenamento da vida, construída a partir de negociações entre as esferas da técnica (planejamento urbano), do econômico e da política. Toma-se o contexto urbano a partir do trabalho de cartografar, ao modo dos mapas noturnos de Martin-Barbero (2004)⁵, os circuitos de itinerários, as ofertas materiais e simbólicas que se apresentam de forma desconexas, sobrepostas, e, às vezes, disjuntivas. Alerta-se que essa não é uma estratégia para negar ou subtrair a materialidade do urbano ao modo de caracterizar a cidade como uma abstração. Pelo contrário, a descoleção de textos apresentada e situada em diferentes espaços, pretende retomar a ideia de que o urbano dura e, tensamente, conserva as experiências vividas. Dessa forma, pretende-se realizar um deslocamento

⁴ Sobre esse tema ver Winner, 1986.

⁵ Para o autor, o mapa noturno seria uma estratégia para “(...) indagar a dominação, a produção e o trabalho, mas a partir do outro lado: o das brechas, o do prazer. Um mapa não para a fuga mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema mas como enzima. Porque os tempos não estão para a síntese, e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar se não apalpando, ou só com um mapa noturno”. (Martin-Barbero, 2004: 18).

que permita refletir sobre o urbano, seus usos e sujeitos via as mediações e artefatos da cultura visual ao modo de marcas, agenciamentos e performances⁶.

Localizada a estratégia da descoleção que orientou a desestruturação das imagens e dos contextos em relação às amarras de sentido sobre o estético, explicitado o mapa noturno da construção desse número da Revista, retomado o urbano como o lugar/espço de alguma forma narrado nos textos, resta problematizar as reflexões e refrações. Esses são, em aparência, o *topus* onde se pretende chegar a partir das mediações e culturas visuais, a saber, explicitar as relações e valores que atravessam os processos sociais e dão significado às experiências coletivas. Tomam-se esses movimentos – de reflexão e refração - de Mikhail Bahktin (e do Circulo de Bahktin), para esse autor as relações humanas com a realidade, são mediadas semioticamente, ou seja, “(...) vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações” (Farraco, 2003).

O processo de significar tem para Bahktin uma dimensão axiológica, o que significa dizer que o trabalho de significação é atravessado por valores, ou seja, por uma tensa camada de discursos (Farraco, 2003). De modo a explicitar essas camadas Farraco (2003: 49) comenta que para o Circulo, “(...) a relação do nosso dizer com as coisas (em sentido amplo do termo) nunca é direta, mas se dá obliquamente (...)”, mediada por signos – esses são entendidos como camadas de discursos sociais que recobrem as coisas. Dessa forma, os signos não são um decalque do mundo, ou seja, não somente refletem, mas, também, refratam o mundo (Farraco, 2003).

Esse duplo movimento permite não só descrever, mas também construir por meio das dinâmicas históricas e da experiência concreta dos coletivos humanos, as interpretações sobre o mundo. Como síntese, entende-se que não é possível significar sem refratar. Inscreve-se, dessa forma, a contradição como parte constituinte do trabalho de dar sentido (Farraco, 2003). Compartilha dessa contradição a ideia de hibridismo de Garcia-Canclini (2005), ao problematizar as “fusões” multiculturais. Para esse autor, em consonância com Bahktin, precisamos discutir também os “(...) dilaceramentos que nos habitam”.

Narrado o deslocamento no sentido das fronteiras, com o propósito de cartografar itinerários dissonantes, apresenta-se de forma breve e fragmentaria os textos descolecionados nesse dossiê. Como estratégia optou-se por tomar grandes temas que

⁶ Para uma orientação sobre as formas de durar e as estratégias para sua etnografia, ver ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia (2013a; 2013b).

desvanecessem as classificações e estabelecesse a ambiguidade ou o dilaceramento que pode nos habitar na(s) disciplina(s). Como uma nota de esclarecimento, o dossiê contém um território de sentido entre o regional e o nacional, o local e o global. De certa forma, encontramos significado na refração dos espaços, eventos e artefatos tomados pelos(as) autores(as).

Para abrir o dossiê, trata-se a antropologia visual e da arte, pensadas a partir das convergências entre as antropologias e as estéticas. Fazem parte dessa discussão o texto de John Fletcher, Agenor Sarraf e Ernani Chaves, autores vinculados à Universidade Federal do Pará – PA; o de Sheila Nunes da Universidad de Valladolid na Espanha; o de Martina Ahlert da Universidade Federal do Maranhão – MA; de Ana Paula Oliveira e Tatiana Peres da Universidade Estadual de Londrina – PR e o texto de Marcos Alexandre Albuquerque da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – RJ.

Ao tratar do diálogo entre antropologia, patrimônio e memória, mediado por estratégias visuais de construção de processos de museologização, foram descolecionados os textos de Raquel Miranda Barbosa da Universidade Estadual de Goiás – GO e de Rosangela Marques Britto e Flávio Leonel Abreu da Silveira, ambos da Universidade Federal do Pará – PA.

Movidos pelas tensões entre o visual e o visível, ou aquilo que se vê e o que se dá a ver, a partir das imaginações daqueles que produzem de forma gestual a imagem, foi realizado um deslocamento para os temas do desenho e da ilustração. Para isso, fazem parte os textos de Kando Fukushima da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – PR; Ludmila Vargas Almendra do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - RJ e, o texto de Marilda Pinheiro Queluz da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – PR.

Para tomar a discussão sobre as artes visuais, suas obras e contradições, contou-se com os textos de Ana Carolina Freire Acorsi Miranda e Sabrina Marques Parracho Sant’anna, da Universidade Rural do Rio de Janeiro – RJ; o de Vinícius Spricigo da PUC-SP e, o de Christian Pierre Kasper da Universidade Estadual de Campinas - SP.

As imagens técnicas foram abordadas a partir de duas das suas materialidades, o cinema – incluindo o vídeo, a crítica e os novos suportes, e a fotografia. Para discutir o cinema estão os textos de Pedro Plaza Pinto da Universidade Federal do Paraná – PR; Cristiane Wosniak da Universidade Estadual do Paraná – PR; Denise Azevedo Guimarães da Universidade Federal do Paraná – PR; Maria Inês Carvalho e Deise

Cristina de Lima Picanço, ambas da Universidade Federal do Paraná – PR e o de Potyguara Alencar dos Santos da Universidade de Brasília - DF.

O tema da fotografia foi tratado por Téo Villas Bôas Pitela da Universidade Nova de Lisboa em Portugal; Anderson Lopes da Silva, Camila Martins e Raissa Silva Daguer da Universidade Federal do Paraná e PUC-PR; Maria Ogécia Drigo e Celene Maria dos Santos da Universidade de Sorocaba – SP e, Luciana Martha Silveira da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – PR.

Completa o dossiê Mediações e Culturas Visuais: reflexões e refrações, o relato de pesquisa de Carmem Silvia Moretzsohn Rocha do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – MG. As resenhas de Roberta Simon da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS; Estevan de Negreiros Ketzer da PUC-RS; Fabrício Barreto, pesquisador no Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL-UFRGS) e Juliana Goulart Chaves pesquisadora voluntária no Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL-UFRGS). E, os ensaios fotográficos de Leila Reinert da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP; e, o de Daniel dos Santos Fernandes e Neila de Jesus, pesquisadores das Faculdades Integradas Ipiranga e Universidade Federal do Pará – PA.

Esse número da Revista *Illuminuras* encerra com uma justa e sensível homenagem de Lori Altmann e Roberto E. Zwetsch, da Universidade Federal de Pelotas- RS e Escola Superior de Teologia de São Leopoldo-RS, respectivamente, a Rubem Azevedo Alves (1933-2014). Esse intelectual que alcançou crianças e adultos com suas reflexões e imaginações.

Tem-se claro que esse número da Revista *Illuminuras* contém, na sua descoleção, um amplo e interdisciplinar panorama dos temas sobre as Mediações e as Culturas Visuais. Seguro que a permanência das práticas estéticas que a atravessa pode ser ampliada e discutida e, não foi objetivo aqui marcar um território, mas sim, cartografar as fronteiras e evidenciar sua porosidade e impermanência. Isso, como atenção ao ensinamento do cartógrafo mestiço Martín-Barbero, para quem um mapa noturno serve para repensar as fissuras e formular outras perguntas. Espera-se que esse número da Revista amplie o debate e construa relações entre temas e pesquisadores(as), seja material cotidiano para estudantes e pesquisadores dos diferentes níveis de formação e oportunidade para questionamento, desconstrução e proposição de outras descoleções.

Referências

- CONDURU, Roberto. *Arte Afro-Brasileira*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.
- DANTO, Arthur C. *Após o Fim da Arte*. A arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- FARRACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo*. As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *A Sociedade sem Relato*. Antropologia e Estética da Iminência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas*. Estratégias para sair e entrar na modernidade. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, Desiguais, Desconectados*: mapas para a interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.
- GELL, Alfred. *Art and Agency*. An anthropological theory. New York: Oxford University Press, 2010.
- LAGROU, Els. *Arte Indígena no Brasil*: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.
- MARTIN- BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo*. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. (orgs). *Etnografia de Rua*. Estudos de Antropologia Urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013 (a).
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da Duração*: Antropologia das memórias coletivas nas coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013 (b).
- WINNER, Langdon. Do Artifacts have politics? In: _____. *The whale and the reactor – A search for limits in an age of high technology*. Chicago: University of Chicago Press, 1986: 18-39.